WILLIAMS, Bianca C. 2018. *The pursuit of happiness: Black women, diasporic dreams, and the politics of emotional transnationalism*. Durham: Duke University Press, 240p.

Denise Ferreira da Costa Cruz
UNILAB
denisefccklaxon@gmail.com

Mulheres negras, com idade entre trinta e sessenta anos, estão dentro de uma van, observando a paisagem das ruas de Montego Bay, Jamaica, e escutam músicas do Bob Marley, Max Priest, Tanya Stephens, Beres Hammond e Gregory Isaacs enquanto a paisagem se mostra da janela. Essa imagem sinestésica, para onde nos leva o texto de Bianca C. Williams (2018) no livro *"The pursuit of hapiness, black women, diasporic dreams, and the politics of emotional transnacionalism",* parece trivial e soa até mesmo familiar. Contudo, o mergulho nos significados desse deslocamento, que a autora nos convida a fazer, é bastante instigante e profundo. O livro está organizado em cinco capítulos, sendo cada um deles antecedido de um interlúdio descritivo e de estilo mais literário. No primeiro capítulo (More than a Groove – Pursuit happiness as a political project), Williams apresenta a busca da felicidade dessas mulheres que vivenciam o racismo norte-americano e buscam na Jamaica uma experiência racial e afetiva mais agradável. No capítulo subsequente ("Giving Back"To Jamaica – Experiencing community and conflict while traveling with Diasporic Heart), a autora apresenta as experiências dessas mulheres em um contexto de diáspora onde a utopia de um mundo sem racismo é almejada por elas. O terceiro capítulo (Why Jamaica? - Seeking th Fantasy of a Black Paradise) apresenta as motivações dessas mulheres em se deslocarem, mais de uma vez, para a Jamaica, a partir de uma idealização. No quarto capítulo (Breaking (It) Down – Gender, Emotional Entanglements, and the Realities of Romance Tourism), a autora apresenta a esfera dos afetos em que essa viagem está envolvida. Por fim, no último capítulo (Navigating (virtual) Jamaica – Online diasporic contact zones), ela fala sobre o universo virtual que conecta mulheres norte-americanas a homens jamaicanos e como as viagens já começam nesse espaço.

Mulheres negras norte-americanas viajam juntas com uma empresa de turismo para a Jamaica. Em uma investigação sobre as emoções que mulheres negras nor-

te-americanas apresentam quando se deslocam – virtual e/ou presencialmente –, dos Estados Unidos para a Jamaica, há também uma imersão nos sentimentos que a própria autora experimenta quando realiza sua pesquisa. A Jamaica é escolhida por elas muitas vezes por representar um espaço onde se vive a experiência de ser negra de maneira mais livre do que nos EUA. A autora, também negra e norte-americana, conheceu tais mulheres para realizar sua pesquisa e compartilha desse sentimento de conforto e idealização sobre a Jamaica com elas . Essas mulheres que, algumas vezes, retornam para a Jamaica mais de uma vez, são parte de uma busca que é também a busca da autora. Ela fala que esteve conectada profundamente com as mulheres que conheceu. Dessa forma, o livro se apresenta como uma reflexão em que as experiências de vida são valoradas e significativas. Não há uma intenção de separar a vida dessas mulheres da vida da própria autora que se apresenta, fala de suas angústias, sua história e suas emoções. Ela nos convida a realizar essa viagem com elas e apresenta, em todas as páginas do seu livro, uma investigação profunda e cuidadosa dos sentimentos envolvidos nessa "busca pela felicidade".

Williams nos lembra que falar das emoções é falar dos sentimentos que são genderificados, racializados e atravessados por uma condição econômica. Essa esfera da vida, afirma, é política e não está desvinculada de aspectos sociológicos. É importante destacar que, quando falamos em sentimentos de mulheres negras da diáspora, vem-nos à mente somente sentimentos de tristeza, dos traumas causados pelo racismo e das angústias. Williams, entretanto, quer superar essa imagem ao eleger a felicidade como a busca principal dessas mulheres. Será que falar de felicidade de mulheres negras é algo que se apresenta como contraditório? Ou apenas elegemos o enfoque no peso, no sofrimento e na angústia? Por meio de risadas, trocas de experiências em um espaço seguro, relacionamentos afetivos com homens jamaicanos, essas mulheres estão procurando experimentar algo que elas não encontram em seu país de origem: um sentimento de pertencimento racial. A busca por espaços seguros e livres dos ataques racistas quase constantes nos Estados Unidos coloca essas mulheres diante de uma experiência que as descansa desse assédio cotidiano.

Através do deslocamento, mulheres negras norte-americanas vivenciam um mundo imaginado e se deparam com a realidade de que não existe somente uma diáspora, mas diásporas. Ser negra em um contexto ou outro da América se revela assim, uma experiência rica, diversa e é possível realizar uma troca simbólica dessas singularidades. Essa troca pode ser o exemplo de encontros, mas também de desencontros e desconexões. Assim, o fato de que mulheres negras norte-americanas sonhavam

em encontrar um lugar onde elas se reconhecessem e fossem reconhecidas acaba por revelar um aspecto que complexifica esse deslocamento. A autora fala de negritudes. Negritudes essas que são experienciadas de maneiras diferentes em cada país. Essa constatação amplia suas percepções sobre o que significa ser negra na diáspora e enriquece a experiência das mulheres que estão buscando vivenciar momentos de prazer.

A viagem coletiva, com esse segmento de mulheres negras, forma o que Williams chama de comunidade de pertencimento. Assim, o pertencimento diaspórico está inserido em uma participação do transnacionalismo emocional. Segundo a autora, "transnacionalismo emocional" conceitualiza as ambiguidades contidas na busca de felicidade dessas mulheres no contexto do racismo global e patriarcal. Assim, essa seria uma experiência que ultrapassa fronteiras nacionais e pode ser experienciada por mulheres de idades distintas em sua busca por sentimentos, em viagens para a Jamaica, mas pode servir como inspiração para reflexões em outros contextos onde as diásporas estejam presentes. Willians busca responder a alguns questionamentos a partir dessa constatação: Por que pessoas como as mulheres negras norte-americanas buscam essa experiência transnacional e diaspórica? Como esse desejo por tal experiência pode refletir nas economias afetivas e políticas específicas de raça e gênero? E ainda, em segundo lugar, como poderíamos compreender os aspectos racializados, genderificados e emocionais do transnacionalismo, tendo as mulheres negras como o centro da nossa pesquisa? Partindo desses questionamentos, ela segue sua reflexão etnografando emoções e partindo dos sentimentos de suas interlocutoras para as respostas que ela alinhava ao longo do livro. Williams ressalta, ainda, que sentimentos e emoções são formas de conhecimento.

Interessante pensar que a experiência da escravidão é uma das conexões encontradas nas diásporas que são retratadas no livro. O tempo entre o passado e o presente é refletido em uma nostalgia diaspórica e em uma profunda ligação entre essas mulheres norte-americanas e seus encontros com as pessoas da Jamaica. A felicidade conecta a ideia de que, se a escravidão foi uma história terrível para a população negra em ambos os países, este é o compartilhamento que cria a conexão com o presente. A estadia dessas mulheres - mesmo que curta - possibilita a experiência de suspender um pouco o racismo encontrado nos Estados Unidos e de ser uma fonte de felicidade.

O espaço virtual, por contar com pessoas de vários pertencimentos raciais, idade e cidades, é menos seguro para as interlocutoras de Williams. Lá, muitas são as opiniões divergentes e mesmo racistas. As viagens feitas somente com mulheres negras, ao contrário, criam um encontro seguro para essas mulheres e um espaço de compar-

tilhamento onde elas podem falar sobre maternidade, angústias, desejos e alegrias.

Viajar sozinha e estabelecer laços de afetos com homens jamaicanos carregam em si reflexões muito complexas. Em primeiro lugar, a autora coloca o temor que relacionamentos fora do contexto nacional pode despertar nos familiares. Esses relacionamentos podem representar medo de não se estabelecer vínculos familiares tradicionais, como a família nuclear. Essa relação relativiza um pouco o papel do homem jamaicano. Ele teria menos *status* e dinheiro do que suas companheiras viajantes. Entretanto, relações de gênero, mesmo em contextos transnacionais, são assimétricas e colocam o homem em situação de hierarquia. Considero, ao ler o texto, que essas interações são sempre relacionais e contextuais, não havendo, portanto, possibilidade de uma fórmula para estabelecer uma teoria sobre esses encontros. É, contudo, necessário destacar que o enfoque da busca da felicidade das mulheres que Williams conheceu durante sua pesquisa é a identificação com a Jamaica e todo o significado que esse deslocamento representa. Os encontros afetivos, embora presentes, são secundários em uma viagem como essa.

Assim, essa viagem, da qual somos convidados a participar, coloca-nos em contato com a busca por sentimentos de felicidade, amor, amizade, relaxamento e conectividade diaspórica. O desejo de fazer o melhor para "ser feliz", aproveitar os frutos do trabalho pesado que lhes proporcionam a viagem, exercitar a esperança na busca de intimidade e amizade são algumas das buscas das interlocutoras de pesquisa de Williams. É quando essas mulheres, cujas vozes estão sendo ouvidas, cuja sensualidade está sendo reconhecida, experimentam sentimentos de alegria. A experiência da autora é também uma experiência rica em sentimentos significativos que fazem sentido para ela, que é também negra e tem relações de parentesco com a Jamaica.

A autora termina o livro refletindo sobre aquilo que ela aprendeu nas viagens que fez. Suas reflexões são pertinentes para pensar que a produção antropológica pode ser uma experiência que vai muito além da produção de um conhecimento estéril e vazio de sentidos. Assim, ela, Williams, diz que a formação para o trabalho de campo não nos prepara para os altos e baixos, para as relações interpessoais e para, por exemplo, lidar com o choro das nossas interlocutoras. Se trabalho produz vida, para ela, a observação é um dos elementos-chave para a realização da pesquisa e se arrisca a afirmar que, para observar, é preciso colocar em relação o coração.

Recebido: 16/04/2018
Aprovado: 25/04/2018